



www.raep.org.br

Administração: Ensino e Pesquisa

ISSN: 2177-6083

raep.journal@gmail.com

Associação Nacional dos Cursos de
Graduação em Administração
Brasil

ROMAN PAVAN, KELLY

ENSINO ORIENTADO PELO RESPEITO ÀS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS: AS
CONTRIBUIÇÕES DE HOWARD GARDNER PARA O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA
Administração: Ensino e Pesquisa, vol. 15, núm. 3, julio-septiembre, 2014, pp. 631-646
Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=533556758007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

ENSINO ORIENTADO PELO RESPEITO ÀS
INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS:
AS CONTRIBUIÇÕES DE HOWARD GARDNER PARA
O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

Recebido em: 19/11/2013 • Aprovado em: 03/02/2014
Avaliado pelo sistema double blind review
Editora Científica: Manolita Correia Lima

KELLY ROMAN PAVAN *kepavan@gmail.com*

ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING

INTRODUÇÃO

A obra de Howard Gardner intitulada *Inteligências múltiplas* – A teoria na prática foi publicada no Brasil há quase vinte anos. Embora não se trate de obra recente, vale a pena revisitar-la com um olhar crítico e destacar suas importantes contribuições para o exercício da docência.

APRESENTAÇÃO

Entre o final dos anos 1970 e o início dos anos 1980, Howard Gardner elaborou a teoria das inteligências múltiplas. Essa teoria propõe uma ruptura com a concepção tradicional da inteligência geral ou ‘g’ (SPEARMAN, 1904), segundo a qual cada indivíduo possui uma única habilidade cognitiva geral. A teoria das inteligências múltiplas de Gardner advoga que todos os indivíduos são dotados de uma inteligência pluralista, formada por múltiplas capacidades intelectuais relativamente autônomas em vários domínios.

Na perspectiva tradicional, a inteligência é passível de mensuração por meio de testes cognitivos em que indivíduos devem solucionar problemas pré-elaborados. Assim, é possível identificar quem é mais ou menos inteligente. Entretanto, a convivência gregária dos seres humanos se afasta em muito dessa realidade artificial de testes pré-elaborados e soluções pré-fabricadas. Exige-se muito mais dinamismo e criatividade para o convívio social. Dessa contradição, surgem as perguntas: o que é, de fato, a inteligência? Será possível mensurá-la?

Destarte, é válido estudar os reflexos da teoria de Gardner na educação e buscar alternativas para romper com a perspectiva tradicional da inteligência, pautando a educação no respeito à pluralidade de inteligências e em métodos de avaliação mais justos. Essa é a proposta da obra resenhada.

O *autor* – O autor estadunidense Howard Gardner nasceu em 1943 e veio a se tornar um dos intelectuais mais influentes da atualidade. Gardner tem formação em psicologia cognitiva e educacional, áreas em que produziu extenso legado literário. Sua principal contribuição para o segmento educacional trata da proposição de que os indivíduos são dotados de múltiplas inteligências que não podem ser mensuradas pelos instrumentos tradicionais de avaliação psicométrica. A obra seminal do autor sobre as inteligências múltiplas foi publicada em 1983, sob o título “*Frames of Mind – The Theory of Multiple Intelligences*”, e revolucionou os estudos em educação e psicologia. Dez anos depois, o autor publicou a obra “*Multiple Intelligences – The Theory in Practice*”, objeto desta resenha, que atualizou os achados empíricos da aplicação da teoria das inteligências múltiplas em projetos de que o autor participou: o Projeto Espectro e o Projeto Zero, sendo que o último existe até hoje.

A OBRA

A obra aqui resenhada é uma tradução do livro “*Multiple Intelligences – The Theory in Practice*”, impressa no Brasil em 1995 sob o título “Inteligências Múltiplas – A Teoria na Prática”.

Na obra, os objetivos do autor são: familiarizar os leitores com a noção das inteligências múltiplas, aproximando-os da ideia de que todos os indivíduos são dotados de múltiplas inteligências e podem ao longo de suas vidas e de acordo com os ambientes em que transitam aprimorar mais ou menos determinados tipos de inteligência; relacionar as múltiplas inteligências com as práticas educacionais e avaliativas dos anos 1990; e propor melhorias ao currículo escolar, à prática docente e às formas de avaliação, de modo que o sistema educacional como um todo possa incorporar e refletir a pluralidade de inteligências dos indivíduos.

Os auspiciosos objetivos de Gardner estão relacionados a aspectos de sua formação pessoal e do contexto histórico em que escreveu. Quanto a sua formação pessoal, Gardner iniciou seus estudos interessado em saber como se desenvolve a mente humana, especialmente como se desenvolvem as habilidades artísticas. Esse interesse se justificava por ser ele mesmo um exímio pianista desde muito jovem. Posteriormente, o autor se interessou pelo estudo do funcionamento cerebral sob condições de danos cerebrais. Seu foco eram os impactos dos danos cerebrais sobre as capacidades artísticas dos indivíduos vitimados. Munido das contribuições dessas duas linhas de pesquisas, Gardner propõe, em 1983, a teoria das inteligências múltiplas. A teoria causou reboliço entre os educadores à época, razão pela qual Gardner conduziu o foco de seus estudos para os assuntos educacionais. Quanto ao contexto histórico da publicação da obra, os anos 1990 são marcados por profundas reflexões sobre o papel e a qualidade da educação: será papel do educador reproduzir conteúdos na sala de aula para a ‘decoreba’ dos alunos? Como promover uma aprendizagem de qualidade, diante de salas de aula lotadas e das condições precárias dos salários e recursos disponíveis aos educadores? Essas e outras perguntas refletiam um momento de crise das estruturas educacionais, em especial da estrutura educacional universitária (LIMA, 2003).

Em palestras mais recentes, Gardner também sinaliza seu interesse no funcionamento dos computadores. Esse interesse o teria levado a conceber a mente humana como um conjunto de computadores bons em tarefas específicas cada um. Assim, as evoluções latentes na informática dos anos 1990 podem ter sido outro elemento motivador dos interesses de pesquisa do autor.

A obra está estruturada em quatro partes. As duas primeiras são voltadas à discussão do conceito de inteligências múltiplas e à apresentação dos Projetos em que o autor se envolveu para o estudo dessas inteligências (Projeto Espectro e Projeto Zero). Nas duas partes seguintes, o autor apresenta alguns meios de se incorporar o respeito às múltiplas inteligências aos currículos escolares, às práticas docentes e a novas formas de avaliação da aprendizagem, para que sejam consideradas as potencialidades de cada

indivíduo. O autor conclui o livro com algumas previsões sobre o futuro das discussões sobre as inteligências múltiplas.

AS DÚVIDAS MOTIVADORAS DA DISCUSSÃO

No contexto dos anos 1990 desabrochavam muitas questões relativas à educação e a obra de Gardner levantou importantes questões para aguçar o debate. A principal pergunta que Gardner se propõe a responder é: o que é a inteligência? Outras perguntas, não menos importantes, motivam a discussão do autor: é possível e/ou adequado mensurar a inteligência por meio dos testes psicométricos tradicionais (como os testes de QI, por exemplo)? Esses testes são justos? Como deve ser a escola do futuro, seus currículos e professores, para que seja capaz de lidar com a pluralidade de inteligências? Qual o papel da avaliação em um ensino que lide com a pluralidade de inteligências? Qual o melhor método para uma efetiva avaliação?

Essas questões mobilizaram outros autores a escreverem sobre esses temas. Demo (2011), por exemplo, dedica-se a estudar o papel do professor, advogando que ele não pode se limitar à tarefa de reproduzir conteúdos na sala de aula. Um bom professor é fundamentalmente autor e dessa forma incentiva os estudantes a construir e reconstruir o conhecimento, por meio do exercício da autoria e não pela mera decoreba. Outros pesquisadores defendem que a avaliação não deve ser o fim da educação, mas um meio (PERRENOUD, 1999). Assim, a avaliação deixa de ser apenas cobrança e passa a ser um momento de aprendizagem (SAUL, 1996). Isso tudo para falar de apenas dois temas (avaliação e docência) relacionados aos questionamentos de Gardner.

A PESQUISA

As pesquisas que suportaram a formulação da teoria das inteligências múltiplas de Gardner foram conduzidas com grupos de indivíduos com perfis cognitivos variados: prodígios, autistas, pessoas com dificuldades de aprendizagem, indivíduos com danos cerebrais, etc.

Dois projetos contribuíram de forma destacada para a observação da aplicabilidade da teoria. No Projeto Espectro, crianças pequenas (do pré e da primeira série) eram acompanhadas por especialistas, no decorrer de um

ano, imersas em um ambiente interessante, muito rico e cheio de estímulos. O objetivo era estimular as crianças por meio de jogos significativos e contextualizados, buscando avaliar a evolução da aprendizagem dessas crianças na presença dos variados estímulos. Para fins educacionais, o projeto contribuiu com a demonstração de que as crianças aprendem mais quando são motivadas por um ambiente estimulante e participam ativamente do processo de aprendizagem, por exemplo, por meio dos jogos. O Projeto Zero, fundado em 1967 por Nelson Goodman, engloba outros projetos de pesquisas interdisciplinares em que a teoria das inteligências múltiplas se revelou particularmente compatível com as metas de uma educação voltada para o entendimento (ou, nos termos aqui compreendidos, para a aprendizagem) (GARDNER, 2006). O objetivo do projeto era, e ainda o é, estudar e promover projetos em que a aprendizagem acesse áreas pouco exploradas das inteligências nas escolas modernas tradicionais, como o potencial artístico dos indivíduos, a criatividade, a solidariedade, etc.

A teoria das inteligências múltiplas – A teoria das inteligências múltiplas de Gardner versa sobre a existência de sete tipos de inteligência, identificáveis por algumas características particulares: **musical** (facilidade para tocar instrumentos, identificar os sons de cada instrumento, etc.); **corporal-cinestésica** (habilidade em usar o corpo para se expressar, em jogos ou para criar novos produtos); **espacial** (habilidade em se localizar sem a necessidade de mapas e elaborar facilmente planos estratégicos); **interpessoal** (habilidade para lidar com outras pessoas, trabalhar em grupo, etc.); **intrapessoal** (facilidade para acessar as próprias emoções e conhecer a si mesmo, desenvolvendo as melhores maneiras de orientar o próprio comportamento); **linguística** (manipulação hábil da linguagem, boa expressão por meio da linguagem, etc.); e **lógico-matemática** (habilidade para solucionar problemas por meio de processos lógicos de raciocínio, da proposição de hipóteses, etc.).

Todo indivíduo, segundo Gardner, tem potencial para treinar e desenvolver habilidades que envolvam cada um dos sete tipos de inteligência. Entretanto, em função de fatores genéticos e estímulos ambientais cada indivíduo se aprimora mais em determinados tipos de inteligência.

Ainda segundo a teoria, os indivíduos podem apresentar variações nos níveis de forças e fraquezas para cada inteligência. Assim, é possível que indivíduos com alta habilidade em uma inteligência não necessariamente desenvolvam habilidade similarmente elevada em outra inteligência. Essa constatação revela que as inteligências trabalham em combinação umas com as outras, mas são independentes entre si. A combinação das inteligências permite que um indivíduo execute atividades que exijam habilidades em um, dois ou mais tipos de domínios. Algumas inteligências se revelaram fortemente interligadas, como é o caso da inteligência musical e da inteligência lógico-matemática. É possível, ainda, que um indivíduo que não possui habilidades muito aprimoradas em determinada inteligência se associe a outro indivíduo que possua as referidas habilidades para o desempenho satisfatório de uma atividade. A independência das inteligências, no tocante a sua localização nas áreas do cérebro, permite, por exemplo, que um dano cerebral prejudique uma inteligência e poupe outra.

OS PRINCIPAIS CONCEITOS

Ao propor a teoria das inteligências múltiplas, Gardner adotou um conceito de inteligência muito diferente do conceito tradicional da inteligência geral ou ‘g’ (SPEARMAN, 1904). O conceito tradicional de inteligência reflete a concepção de que cada indivíduo possui uma habilidade cognitiva geral, ou unitária, passível de mensuração. Desde que foi descoberto pelo psicólogo inglês Charles Spearman, em 1904, o fator ‘g’ se tornou objeto de estudo de muitos pesquisadores interessados em quantificar a inteligência individual por meio de testes cognitivos. O reflexo do trabalho de Spearman (1904) para a educação é no mínimo questionável: nas escolas modernas predomina essa forma de interpretar a inteligência: os estudantes são frequentemente testados, sob condições artificiais e descontextualizadas, para que se mesure o quanto são inteligentes, promissores. Àqueles cujos resultados nos testes não são positivos, cabe uma espécie de exílio intelectual e o estereótipo de “burros”. Nesse sentido, tal conceito de inteligência, ao invés de contribuir para a inclusão dos estudantes com dificuldades cognitivas, exclui do processo educacional aqueles que necessitariam de maior atenção dos

professores. Os testes de QI, cujas origens remetem aos trabalhos pioneiros de Alfred Binet, são os exemplos mais claros de como a inteligência é concebida tradicionalmente.

Paralelamente, buscando ampliar essa visão limitada e limitadora da inteligência, Gardner define-a como o potencial biopsicológico de processar informações de certas formas, a fim de resolver problemas ou modelar produtos que são valiosos em uma cultura ou comunidade. Observe-se que o conceito de inteligência de Gardner une-a fundamentalmente ao contexto. Só faz sentido falar em inteligência se o resultado dos processos cognitivos tiver alguma utilidade para a comunidade. Da mesma forma, só faz sentido avaliar a inteligência nesse contexto comunitário. Portanto, de que servem as formas de testagem tradicionais totalmente desligadas do contexto real em que são exibidas as potencialidades humanas?

Conquanto ligada a fatores biológicos e psicológicos, a inteligência é, na perspectiva de Gardner, fruto de uma combinação essencial de potenciais herdados geneticamente e habilidades que podem ser desenvolvidas de diversas maneiras por meio da experimentação. Quanto mais estimulante o contexto, maiores as chances dos indivíduos desenvolverem suas habilidades.

Para a educação, migrar da concepção tradicional de inteligência para a concepção de Gardner significa promover um ambiente de aprendizagem muito mais estimulante e sair do estágio da testagem formal para o estágio da avaliação contínua, o que será discutido na seção de contribuições para a educação. Principalmente, significa promover a aprendizagem contextualizada, tornando útil o que se aprende e quem aprende.

Os conceitos de testagem e avaliação são muito importantes nesta obra. O autor enxerga diferenças fundamentais entre eles. A testagem formal é geralmente realizada em circunstâncias atípicas, ou seja, artificialmente planejadas para o momento dos testes. Ela enfoca principalmente as habilidades linguísticas e lógico-matemáticas dos avaliados. As habilidades reflexivas e criativas de quem está sendo avaliado normalmente são ignoradas, uma vez que não há espaço para a manifestação individual além dos critérios objetivos estabelecidos para o teste. Mensurado dessa forma, o conhecimento é entendido como um produto que pode ser fabricado dentro

de moldes pré-definidos, não cabendo nenhuma criação ou inovação. Essa proposta vai totalmente de encontro à proposta da construção autônoma do conhecimento (FREIRE, 1996).

A avaliação é concebida por Gardner como um processo contextual e contínuo: é possível avaliar o conhecimento de alguém acompanhando as formas como ele/ela exerce suas atividades rotineiras; evolui nas etapas de um projeto; é capaz de criar ou inovar. Aqui, as inteligências múltiplas são amplamente avaliáveis. A avaliação faz parte do contexto daquele que aprende, sendo ele mesmo o sujeito da produção do conhecimento (FREIRE, 1996). No contexto da educação, para Gardner, estudantes e professores devem estar constantemente avaliando uns aos outros e a si próprios.

Se na testagem o objetivo é identificar quanto o estudante aprendeu, aplaudindo-se os “aprovados” e achincalhando-se os “reprovados”, na avaliação o objetivo é diagnosticar fraquezas e dificuldades e tratá-las. Afinal, cada indivíduo possui um perfil cognitivo único, com forças e fraquezas em cada uma das inteligências.

Com relação aos múltiplos perfis cognitivos individuais, Gardner propõe uma espécie de taxonomia de perfis cognitivos em que os conceitos centrais são: talento, prodigiosidade, perícia, criatividade e genialidade. Assim, o indivíduo talentoso é aquele que tem habilidade para aprender com facilidade e mais rápido. O prodígio é aquele que, mesmo muito jovem, apresenta alguma das inteligências muito desenvolvida, muito além da média das outras pessoas da mesma idade. Vale destacar que quem é prodígio em uma coisa não é necessariamente prodígio em tudo. Um perito é um indivíduo adulto que faz algo muito bem porque tem vasta experiência naquilo. A pessoa criativa é aquela que tem uma habilidade para resolver problemas, fazer coisas e propor questões em um determinado domínio de uma forma diferente. Geralmente são pessoas que adoram desafios. Por último, o gênio é aquele indivíduo que, além de ser perito em um ou mais domínios, é criativo.

A proposta do autor não é a de encerrar a descrição de perfis cognitivos possíveis (lembre-se que cada indivíduo possui um perfil cognitivo único, como se fora sua impressão digital cognitiva), mas categorizar alguns traços comuns a cada perfil.

Influências acadêmicas – Formado em psicologia cognitiva e educacional, Howard Gardner foi influenciado pelos trabalhos do também psicólogo Jerome Bruner e do epistemólogo Jean Piaget.

O autor reconhece que Jean Piaget foi quem mais o influenciou intelectualmente (GARDNER, 2006). Gardner admite que Piaget é o responsável pela proposição de questões fundamentais em sua área de estudo, mas trava algumas batalhas intelectuais com esse autor: segundo Gardner, Piaget enxergava todo desenvolvimento como um fragmento e um desenvolvimento científico em primeiro plano. O autor, por sua vez, estuda o desenvolvimento sob a perspectiva das artes e enxerga a inteligência humana como multifacetada. Baseada nessa asserção e da leitura de Piaget (PIAGET; GRECO, 1974), depreende-se que o epistemólogo suíço entendia a inteligência como uma habilidade unitária, relacionada à aquisição de conhecimentos (os fragmentos) por meio de reiterados processos de equilibração (adquirir novos conhecimentos, assimilá-los, associando-os aos conhecimentos já detidos, e, por fim, construir o novo conhecimento que nem é inteiramente novo, porque contém traços do que já se conhecia, nem inteiramente antigo, porque contém novos *inputs* e significações), muito associados às estruturas do pensamento científico. Já Gardner concebe as múltiplas inteligências partindo da perspectiva das artes, em que o processo de desenvolvimento do conhecimento não é nem tão unitário e nem tão sistematizado quanto o processo de desenvolvimento intelectual proposto por Piaget.

A despeito dessas divergências, Gardner herda ou reforça alguns pontos das contribuições dos estudos de Piaget sobre a cognição humana. Ambos destacam o papel da linguagem para os processos de aprendizagem e se utilizam da premissa de que o conhecimento deriva de uma série de interações dos indivíduos com os objetos que os cercam, sinalizando para a importância de um aprendizado experimental. Ademais, ambos também se referem à importância do envolvimento do sujeito aprendiz com o que está sendo estudado, uma vez que Piaget coloca que o processo de estruturação cognitiva somente ocorrerá se o sujeito agir e se manifestar em relação ao meio em que vive. Gardner coloca que o aprendizado somente fará sentido

se estiver ligado ao contexto cultural em que o indivíduo vive. Isso torna o conhecimento útil e o indivíduo indissociável do contexto para aprender.

O autor ainda se ampara em importantes contribuições que encontrou nos estudos de Jerome Bruner, de quem foi aluno e com quem manteve contato por décadas. De Jerome Bruner (1976), Gardner se utiliza da concepção do aprendizado como um processo fundamentalmente experimental, ou seja, o aprendizado é entendido como um processo ativo, em que os estudantes constroem o conhecimento presente com base em conhecimentos que foram acumulando em estágios anteriores de sua aprendizagem. Além disso, Gardner, como Bruner, atribui grande relevância à utilização dos símbolos e sistemas simbólicos, reiterando que a inteligência linguística é universal (todo indivíduo é dotado dessa inteligência com maior ou menor grau de desenvolvimento). Apesar de haver importantes pontos de convergência entre as considerações de Gardner e os estudos de seu professor Bruner (1976), há, também, pontos de divergência, especialmente no que tange às questões educacionais:

Bruner underestimates the power of the early theories espoused by children and the educational challenge involved in overthrowing those misconceptions in favor of more adequate explanations. Bruner famously asserted that one can teach any idea to any child at any age in a form that is intellectually honest. I would respond that almost every person is filled with ideas that are attractive but false, and that successful teaching must grapple with these already extant ideas (GARDNER, 2006, p. 10-11).

Diferentemente de Piaget, Bruner foca sua abordagem nos fatores ambientais e não no processo de estruturação cognitiva do conhecimento. Assim, as grandes contribuições de Bruner para os estudos de Gardner são no sentido de olhar com muita cautela para os aspectos ambientais e seus impactos no desenvolvimento das inteligências dos indivíduos.

CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO EM GERAL

Gardner propõe alguns meios de se fazer com que o respeito à pluralidade de inteligências seja incorporado ao ambiente escolar. Nesse ponto residem as principais contribuições do autor, nesta obra, para a educação em geral, uma vez que suas considerações sustentam uma revisão crítica e um

aprimoramento dos currículos escolares, pela promoção do respeito às individualidades e de formas de avaliação mais justas com o potencial de cada estudante. As sugestões do autor podem tornar a escola um ambiente mais estimulante e onde as avaliações passam a acontecer de forma coerente, dentro do contexto de aprendizagem e levando em consideração a vivência e as potencialidades de cada estudante. Destarte, se o ensino lida com a pluralidade de inteligências, o bom professor deve ser capaz de estimulá-las e bem avaliá-las.

De forma geral, as escolas e universidades modernas têm sido direcionadas cada vez mais pelas e para as habilidades linguísticas e lógico-matemáticas, o que se torna evidente nos processos de seleção (vestibulares) e avaliação dos estudantes (provas). Essa predileção pelas duas inteligências talvez tenha sido reforçada pelo rápido aprimoramento das tecnologias contemporâneas. As pessoas se acostumaram às máquinas que reduzem a realidade humana aos sistemas numéricos binários (essenciais para a programação de computadores, por exemplo) e a linguagem é extremamente importante para todas as formas de comunicação virtual (redes sociais, etc.), não cabendo aqui versar sobre sua qualidade. Assim, as demais habilidades cognitivas são colocadas de lado, à parte dos currículos escolares, como se fosse atividades recreativas.

Além do mais, as instituições educacionais estão cada vez mais uniformes, ou seja, são espaços em que a todo mundo é ensinada a mesma coisa, da mesma forma. Esse é o padrão em muitas partes do mundo. Howard Gardner defende uma educação voltada para o indivíduo. Tentar descobrir o máximo possível sobre os potenciais de cada indivíduo e individualizar mais as formas de abordar os conteúdos em sala de aula é uma missão premente do professor.

Ainda no tocante ao ambiente escolar, um dos reflexos prováveis mais imediatos da teoria das inteligências múltiplas seria a redução do currículo, abortando-se a tentativa de cobrir todos os conteúdos. A ambição por uma ampla cobertura assegura superficialidade. Um currículo menos extenso viabiliza ganhos qualitativos para as atividades de ensino e aprendizagem. A intenção do autor é que suas contribuições sejam aproveitadas no sentido

de se construir um projeto de escola futura em que o currículo seja voltado para o indivíduo, com o objetivo de educar suas inteligências. Afinal, as duas proposições do trabalho do autor são: a) os indivíduos possuem mentes diferentes e a escola deveria estar preparada para trabalhar com essas diferenças; e b) nenhum indivíduo é capaz de dominar o conhecimento completo de todas as disciplinas oferecidas em um currículo uniforme, mas deveria haver uma grande oferta de disciplinas eletivas suscetíveis à escolha dos estudantes, que poderiam eleger em quais disciplinas ingressar de acordo com suas habilidades particulares.

Por fim, na perspectiva do autor, o professor deve ser essencialmente um personagem suficientemente dinâmico para abordar de tantas formas quanto forem possíveis um mesmo conteúdo, sendo capaz de abrir várias janelas diferentes em um mesmo conceito. Esse modelo de trabalho é muito mais próximo da realidade que os estudantes encontram fora das salas de aula. A visão tradicional da inteligência está muito voltada para a resolução de problemas pré-fabricados, o que não acontece no mundo real, depois que o indivíduo deixa a escola. Educar, na proposta de Gardner, consiste em estimular a capacidade individual de resolver problemas multifacetados e elaborar produtos importantes em uma determinada sociedade. Essa é uma nova forma de se conceber uma educação não homogeneizada: nem todos os estudantes devem aprender as mesmas coisas sob as mesmas formas de apresentação.

A despeito das críticas que se possam fazer à teoria das inteligências múltiplas, não se pode negar que ela traz propostas ambiciosas de mudanças para as salas de aula e para o próprio modo de se conceber a educação.

CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR, EM PARTICULAR, PARA A PRÁTICA DOCENTE

As contribuições da obra de Gardner são incomensuráveis para a educação universitária. O autor pontua que bons professores, independentemente de ensinarem crianças ou universitários, percebem que abordagens diferentes são efetivas com diferentes tipos de alunos. Essa sensibilidade às diferenças individuais pode se tornar parte da competência do professor universitário.

Adicionalmente ao “enxugamento” dos currículos dos cursos universitários, os escritos de Gardner propõem algumas contribuições para o exercício da docência. Deve-se destacar a necessidade de que o docente universitário esteja mais próximo aos estudantes, envolvendo-os nos processos de avaliação da aprendizagem rotineiramente e desenvolvendo atividades que suscitem habilidades que poderão ser empregadas ao saírem da universidade, no ambiente profissional em que pretendem atuar. Isso pode ser feito por meio de atividades complementares de interesse curricular; da substituição da testagem formal (por exemplo, por meio de provas) pela avaliação da aprendizagem (avaliação contextual amparada na parceria entre o professor e o estudante); de trabalhos em equipes; e do aproveitamento das experiências e vivências que os estudantes trazem do lado de fora das salas de aula. É importante que as potencialidades e dificuldades de cada indivíduo sejam identificadas em estágios iniciais, para que elas se tornem parte do planejamento educacional e sejam endereçadas no momento do ensino.

Conclui-se que, para os professores universitários é fundamental ter uma visão holística das formas como abordar os conteúdos curriculares e sensibilidade às formas de aprendizado de seus alunos. A adequação dos métodos de ensino aos perfis cognitivos dos estudantes passa a ser fundamental para que as diferenças pessoais não sejam uma barreira para a aprendizagem, mas um estímulo à criatividade. Nesse sentido, quanto mais ricas as estratégias empregadas pelos professores na universidade (ANASTASIOU; ALVES, 2003), maiores as chances de se alcançar uma aprendizagem tão próxima quanto possível da plenitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Howard Gardner admite que apenas o tempo conseguirá demonstrar quais contribuições da teoria das inteligências múltiplas terão efetividade pedagógica e quais não o terão.

À parte a viabilidade de se promoverem as mudanças sugeridas por Gardner, como um processo avaliativo constante, com o professor exercendo o papel de um verdadeiro investigador, que explora o que de melhor cada estudante pode oferecer, e de um verdadeiro lapidador, que descobre as fraquezas

cognitivas de cada estudante e auxilia a superá-las, deve-se reconhecer a riqueza que as duas constatações seminais do autor: 1) todos os indivíduos possuem todos os tipos de inteligência, exceto em casos de dano cerebral severo. Assim, não existe estudante “burro”: existe estudante desmobilizado para aprender e professor despreparado para abordar por múltiplas trajetórias os conteúdos em sala de aula; e 2) não há duas pessoas, nem mesmo gêmeos idênticos, com os exatos mesmos perfis de inteligências, com as mesmas forças e fraquezas intelectuais. Dessa forma, quando mais padronizadas ou uniformizadas as instituições de ensino, os currículos disciplinares, os planos de aprendizagem e as estratégias de aprendizagem, menor será o aproveitamento dos estudantes tão plurais e diversificados em seus projetos de vida e suas formas de aprender.

O campo de estudos das inteligências múltiplas ainda está em aberto, sendo plausíveis e bem-vindas novas contribuições. Em meados dos anos 1990, o próprio Gardner se convenceu de que havia uma oitava inteligência, a inteligência naturalística, pautada na capacidade de um indivíduo para identificar e distinguir entre elementos da natureza (plantas, animais, tipos de pedras, padrões climáticos, etc.). Em suas palestras mais recentes, o autor afirma acreditar na possibilidade da existência de uma nona inteligência chamada existencial. Essa inteligência consistiria na capacidade humana de se fazer grandes perguntas existenciais, sobre coisas que são muito grandes ou muito pequenas para serem percebidas (amor, vida, morte, o “ser”). Certas partes do cérebro estariam especialmente evoluídas para lidar especificamente com essas questões existenciais.

Finalmente, não é mais concebível, nas escolas e universidades, ser mantida a concepção estreita de uma inteligência geral e mensurável por instrumentos formais. Talvez, ao invés de se falar em “Modernidade” convenha dizer que a educação está na fase de sua “Pós-Modernidade”, em que o objetivo do ensino é uma aprendizagem de qualidade e cheia de significação pessoal, intimamente relacionada aos avanços tecnológicos. Nessa perspectiva, o professor que não quiser parar no tempo terá que estudar formas de se adaptar, desenvolver suas próprias potencialidades criativas e surpreender os estudantes acostumados à mesmice.

ENSINO ORIENTADO PELO RESPEITO ÀS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS:
AS CONTRIBUIÇÕES DE HOWARD GARDNER PARA O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

REFERÊNCIAS

- ANASTASIOU, L. das G.C.; ALVES, L.P. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, L. das G.C.; ALVES, L.P. (Orgs.). Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: Univille, 2003.
- BRUNER, J.S. Uma nova teoria da aprendizagem. Rio de Janeiro: Bloch, 1976.
- DEMO, P. Outro professor – alunos podem aprender bem com professores que aprendem bem. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARDNER, H. Inteligências múltiplas: A teoria na prática. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- GARDNER, H. A blessing of influences – an autobiographical essay for Gardner Under Fire. 2006. Disponível em: < <http://howardgardner01.files.wordpress.com/2012/06/a-blessing-of-influences-autobio-from-hguf.pdf>>. Acesso em: 10/06/2013.
- LIMA, M.C. Os contornos da crise e das rupturas vividas pela universidade contemporânea. EccoS – Revista Científica, v. 5, n. 2, p. 9-34, 2003.
- PERRENOUD, P. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- SAUL, A.M. Avaliação emancipatória escolar. São Paulo: Cortez, 1996.
- PIAGET, J.; GRECO, P. Aprendizagem e conhecimento. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.
- SPEARMAN, C. “General intelligence,” objectively determined and measured. The American Journal of Psychology, v. 15, n. 2, p. 201-292, 1904.

* O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES.

DADOS DOS AUTORES

KELLY ROMAN PAVAN* KEPAVAN@GMAIL.COM

Mestre em Administração pela ESPM

Instituição de vinculação: Escola Superior de Propaganda e Marketing

São Paulo/SP – Brasil

Áreas de interesse em pesquisa: Responsabilidade Social Corporativa

* *Rua Dr. Alvaro Alvim, 123, 4º andar Vila Mariana São Paulo/SP 04018-010*